

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

ELZA DE JESUS OLIVEIRA
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - História e memória das comunidades de Manguinhos

Entrevistada – Elza de Jesus Oliveira (EO)

Entrevistadores - Tania Fernandes (TF), Renato Gama-Rosa (RG), Michele Soares (MS), Graziela Barros (GB) e Consuelo Guimarães (CG).

Data – 12/02/2004

Local – Rio de Janeiro/RJ

Duração –16min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

OLIVEIRA, Elza de Jesus. *Elza de Jesus Oliveira. Entrevista de história oral concedida ao projeto História e memória das comunidades de Manguinhos*, 2004. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 13p.

Data: 12/02/2004

Fita 1 - Lado A

TF – Projeto História e Memória de Manguinhos, realizado no dia 12 de fevereiro de 2004, na comunidade Morro do Amorim. Entrevista com dona Elza de Jesus Oliveira. É... Dona Elza, nós estávamos querendo conversar com a senhora, um pouco, sobre a história dessa... desse lugar, dessa comunidade, né...

EO – É ótima!

TF - ... do Morro do Amorim. Então, nos conte desde quando a senhora veio para cá...

EO – Aqui nós estamos no céu! Só escuto muito tiro por causa da Leopoldo Bulhões, a Linha Amarela, a Linha Vermelha, você escuta tiro demais. E... de vez em quando, você acha uma balinha aqui no quintal, né?

RC – Perdida.

EO – Perdida, é.

TF – Mas desde quando a senhora mora aqui, desde o início?

EO – 70 anos.

TF – A senhora veio para cá como?

EO – Com 3 anos.

TF – Seu pai veio...

EO - ... comprou a casa, meu pai comprou o terreno com uma casinha lá em cima, de estuque. Depois ele construiu essas “duasinhas” aqui, e há... 44 ele construiu essa daqui.

TF – Seu pai era português?

EO – Era.

TF – Ele veio para cá para quê? Qual era... qual foi...?

EO – Ah, ele veio com 15 anos, veio para o Estácio, veio morar no Estácio com 15 anos.

TF – Mas como é que ele veio parar aqui nessa... nesse lugar?

EO – Ah, porque o morador antigo... Meu pai estava querendo comprar um terreno para sair lá do Morro de São Carlos, aí... que ele perdeu 2 filhos, num ano perdeu um, no outro ano perdeu outro, e foi morar num quarto. Aí, ele, quando... no (Inaudível), meu pai era taxista, aí, no posto de gasolina encontrou esse senhor. Perguntou assim: “Quem é que queria comprar uma casinha aqui?”. Meu pai disse: “É prá já.” Meu pai tinha comprado em Lins de Vasconcelos um terreno, ia construir. Parece que era na Rua Dona Romana. Aí, depois, o moço falou assim: “É prá já.” Botou ele no táxi, veio aqui, meu pai gostou e ficou. Aí foi lá buscar minha mãe para a minha mãe ver...

TF – Era a casa lá de cima, que diz?

EO – É, a de estuque, era de estuque. Agora não é, agora é de tijolo.

TF – E como era esse em torno?

EO – Como assim?

TF – Como era aqui, os vizinhos...? O que é que tinha...?

EO – ‘Era’ ótimos, ‘era’ ótimos como são até hoje.

TF – Mas já tinha muita casa?

EO – Tinha, tinha, tinha muita casa.

RC – Todos...

EO – Aqui... aqui era um terreno vazio, aqui, mas o resto era tudo... tudo construído.

RG – E todos portugueses?

EO – Ah, alguns portugueses, outros do Espírito Santo, outros de Campos...

TF – E...

EO – Foi uma benção meu pai ter encontrado esse senhor, que ele ia construir na Rua Dona Romana.

RG – (Inaudível).

EO – É, e aqui é muito bom. Só não tinha água aqui na minha... aqui no quintal não tinha água, não tinha luz. Tinha um poço, mas meu pai, em menos de um mês meu pai botou, mandou botar luz e água. Os vizinhos ofereceram água para a minha mãe. E meu pai mandou botar luz e água.

TF – Seu pai trabalhava com o quê?

EO – Táxi.

TF – Mesmo quando veio para cá continuou trabalhando com táxi?

EO – É, é. Quando ele comprou aqui já era taxista lá no Estácio.

TF – E tem outros portugueses por aqui, de origem portuguesa?

EO – Ah, tem. Tem um que vocês estavam conversando com ele ali, parece que ele não quis atender, que ele não é português, ele é filho de português. Tem muito português.

RC – É, a notícia que a gente tem é que outros moradores daqui trabalhavam no Instituto Oswaldo Cruz. A senhora sabe, assim, dessa...?

EO – Quando construíram o Oswaldo Cruz, foram... a maioria tudo saiu daqui, foram trabalhar lá, inclusive, eu... eu... duas vezes me arranjaram emprego para ‘mim’ trabalhar lá e meu pai não deixou eu trabalhar... ótimo.

TF – Mas eram moradores daqui que iam trabalhar lá...

EO – É.

TF - ... ou eram traba... trabalhadores de lá que vieram morar aqui?

EO – Não, traba... moradores daqui que foram trabalhar lá.

TF – Isso desde o início, a senhora acha? A senhora veio para cá...?

EO – Eu... eu não lembro, eu não me lembro, eu tinha... eu era criança ainda, não lembro como é que era a história. Sei que... a... ali cresceu muito. Primeiro, fez aquele... Como é o nome daquilo? É... tem aquela bola em cima, é... Esqueço o nome daquilo.

RG – Castelo?

EO – Castelo. Depois eles foram aumentando, aumentando. Ali tem negócio de pesquisa, né?

TF – E a senhora veio para cá, então, na década de 20, 20 e quanto?

EO – Não, vinte não, eu nasci em 31!

TF – 31, tá, (Inaudível).

EO – Eu vim em 34, vim em agosto de 34.

RG – A senhora estava falando dessa rua aqui, que não tinha esgoto, (Inaudível) era tudo lama, né?

EO – Rua nenhuma, rua aqui nenhuma tinha esgoto, não. Essa rua aqui de cima só foi asfaltada no ano em que eu me casei, em 55, já estava naquele bar ali. A 1ª rua a ser calçada foi essa, a de cima. Depois, aos poucos, eles foram calçando uma, calçando outra... Agora, está até... parece que está em projeto de botar até o asfalto. Parece que eles estão na comunidade aí... Eles estão esburacando por causa de falta d'água, porque os canos são velhos, e a CEDAE não quer trocar, só está envareando. Inclusive eu fiquei 8 anos sem água aqui, pagando água.

RC – Sem água...

EO – Usava a água da casa lá de cima, com borracha, pra caixa eu usava assim. Agora esvarearam, eu já... eu tirei a borracha porque agora está indo água lá.

RG – E em relação às outras comunidades aqui, essa outra rua aqui atrás, que tem um pouco mais... é... umas casas mais pobres, mais...

EO – Aonde...

RG – Aqui, mais para cima, né? A senhora não...

MS – Na Sizerando.

RG – Na Sizerando Nabuco...

EO – Ali é... ali... que ali é terreno, acho que é... tem muito... tem muito terreno ali que é... União.

RG – Mas foram (Inaudível)...

EO – Aquela parte de lá é tudo da União, não pagam o IPTU, não pagam nada. Inclusive, até agora a prefeitura tirou muito IPTU dessas ruas aqui, e eu não, para mim não tirou não.

RG – A senhora não paga IPTU?

EO – Eu pago.

RG – Ah, paga.

EO – Eu pago. Veio 206 reais de IPTU, mas a maioria não... está pagando não, é isenta. Eles 'quer'... É porque é menos de 100 metros, sei lá. A minha aqui tem 180. Inclusive, eu liguei para lá, ele disse que não, que se tem 100 tem que pagar. Eu digo: “Meu filho, mas aqui é uma área de risco! Qualquer tiroteio que tem aqui embaixo, se você estiver no portão,

você entra para dentro porque tem medo de vir uma bala perdida e pegar aqui, não é?”
Disse que não, que... que é 180, tem que pagar. Só se eu desmembrar o terreno.

TF – Desde quando que a senhora percebe essa... esse movimento da... das quadrilhas, esse tráfico de drogas?

EO – Ah, minha filha, isso... aqui não tem não.

TF – (Inaudível)...

EO – Aqui não tem boca de fumo nem nada não, sabe? Mas... mas depois que fizeram essa Linha Amarela ali, é um perigo, até para os ‘pessoal’ que mora na... vai para a Barra, (Inaudível) não vai não, porque eles assaltam os carros. Então, depois que... depois da Democráticos para lá, então, piorou a situação. A Linha Vermelha que vai para a Ilha, vai para... tem muita... tem muita favela, onde tem a Vila do João, né, aí trocam tiroteio, aí... a pessoa tem até medo de... de... depois de 6 horas tem medo de... de... Quando troca tiroteio a pessoa não vai lá fora porque tem medo de uma bala perdida, né?

RG – A senhora falou de favela. A senhora considera essa área, aqui para trás, área de favela, essa da...?

EO – Aqui em cima, em si, não.

RG – Não, né?

EO – Olha, nem lá para dentro não é favela, entendeu? Você entrou lá dentro?

RG – Nós fomos aqui, no final da Estrada de Manguinhos. Tem uma área ali já... umas casas...

EO – Mais para cá, né?

RG – Para cá, né? A Estrada de Manguinhos é para cá?

EO – A Estrada de Manguinhos é para cá.

RC – A gente descendo aqui...

EO – Não, não, não.

GB – (Inaudível) que aqui tem umas construções ainda de tijolo...

EO – Ah, ali... Eu vim em 34, vim em agosto de 34.

RG – Que bom, então, né?

EO – É tudo de família, né? E não tem boca de fumo, não é?

RG – Uma sorte (risos).

EO – Não é?

TF – Famílias que vieram para cá também há algum tempo?

EO – Ah, e pessoas... E ali cresceu muito! Eu conheci aquilo ali com... com umas 10 ou 15 casas, a agora tem mais... milhares de casas lá dentro, casas de 2, 3 andares, com terraço e tudo.

RG – A senhora está falando ali, da... ali na frente, para a gente, da Avenida Brasil, ali, como é que era o...

EO – É, então, é...

RC – ... (Inaudível) para construir essas casas sem a Avenida Brasil.

EO – A Avenida Brasil era uma... era uma fazenda...

RG - ... grande (Inaudível)...

EO - ... era uma fazenda... era uma fazenda... Até o... quem tinha carro de boi... O material trazia no carro de boi, até um deles eu me lembro que é “seu” Acácio, o outro eu não me lembro. O boi vinha, coitado, chegava aqui tão cansado, aí pedia água, tal, aquele balde, ele bebia aquela água, cansada.

TF – A senhora tinha o quê, uns 25 anos quando a Avenida Brasil foi construída, mais ou menos?

EO – Ah, deve ter, devia ter isso.

RC – (Inaudível).

TF – A senhora se recorda dessa construção desse (Inaudível)?

EO – Lembro, lembro, porque era, primeiro... depois vendeu a fazenda e veio duas navegações, era... o Aero clube... e a NAB, que era Navegação Aérea Brasileira, tinha aviões e tudo. Depois, aquilo não sei se faliu, se vendeu, sei... o... eles foram obrigados a vender para poder fazer a Avenida Brasil. Lembra quando fez a Avenida Brasil?

RG – É, o Aero clube foi desativado na década de 60.

EO – É.

TF – E com a construção da Avenida Brasil houve uma mudança de setores de indústria, mais indústrias foram (Inaudível)...

EO – Ah, melhorou que já botaram ônibus, né, já tinha ônibus...

TF – Mas vieram mais indústrias para cá? A senhora tem essa lembrança?

EO – É, de vez em quando... de vez em quando eles fazem uns galpões aí, né, quem tem terreno vazio é... vende, né?

RC – É, essa construção aqui mesmo, né, deve ter vindo depois, né?

EO – Muito depois! Esse... esse galpão aqui?

RC – Sim.

EO – Ah, muito depois! Esse galpão é... Deve ter o quê? Eu nem sei se eu já era casada, eu não estou certa, mas aqui era um terreno vazio. O de lá ‘era’ duas casas, eles venderam, que eram cunhados, vendeu, também fez galpão ali. Aqui, esse galpão de frente, era uma casa... era uma casa, mas vendeu... eles fizeram esse galpão...

RC – Quer dizer, houve uma renovação.

EO – É, é.

TF – E isso movimentou mais, em termos assim de dinheiro, de gente, isso mudou o que?

EO – Ah, na... Ah, na certa, né, agora já tem... aqui já tem farmácia, aqui tem locadora, aqui tem... um mercadinho, tem... tem... Como é aquele negócio de legumes, como é?

RC – Hortifruti?

EO – Tem o hortifruti na Rosa da Fonseca. Você não passou por lá não?

RC – Nós fomos... Não reparei.

EO – Tem o hortifruti do lado direito. Lá em cima também tem uma farmácia, lá em cima tem uma... uma lanchonete, aqui tem salão para fazer unha, cortar cabelo...

TF – E a senhora trabalha em algum lugar?

EO – Não.

TF – A senhora falou que teve proposta de trabalhar na Fiocruz (Inaudível)...

EO – Tive, duas vezes. Meu pai não deixou. E, naquele tempo, era pequeno, era tudo pessoas assim... pessoas idosas, sabe, já tinha idade, pessoas direitas e tudo. Meu pai não deixou eu trabalhar. Se eu estivesse... se eu estivesse trabalhando lá, minha filha, eu estava ganhando muito bem, aposentada e ganhando bem, né? Meu pai não deixou eu trabalhar lá por duas vezes.

RG – Mas a senhora acha que ele não deixou porque a senhora...?

EO – Não, porque era filha única e filha... e filho que é... se pousou uma mosca já pensa que a mosca vai tirar um pedacinho... (risos). Sabe como é português, né, português rígido, né? Para dizer a você, sabe quantos anos eu namorei? Oito anos, embaixo dos olhos do meu pai, embaixo dos olhos do meu pai. Estava pensando que botava a mão aqui? Negativo. “Nove horas, são nove horas. Não tem relógio? Compre.” Aí, ele, ó... por aqui. E era duas vezes por semana só. Me casei com 24 anos, não foi 20 nem 15, não, 24. Meu pai era muito rígido, muito rígido!

TF – Era só a senhora de filha?

EO – Tinha três, perdeu dois, ficou só eu, infelizmente... morreram, né? Aí, já viu como é que é: (Inaudível), né?

RG – A senhora tem filhos?

EO – Tenho dois.

RG – E moram aqui com a senhora?

EO – Esse... Meu filho mora aqui, tem quarenta e... vai fazer 48 anos agora em março. E tenho uma filha que mora em Bonsucesso, tem 45.

RC – Então, a convivência aqui é boa com a comunidade?

EO – É, aqui é ótimo Apesar de ser bairro pequeno, sabe como é que é, né? Nem aconteceu ali, já estão sabendo, né? Mas aqui é ótimo.

RG – E a senhora sabe de alguma pessoa mais, assim, que a gente possa entrevistar? Que a gente vai entrevistar o sr. Carlos de Carvalho, ali, vamos ver se a gente...

EO – Da onde?

RG – Ele fica ali no número... não sei o número da casa dele, mas é aqui na... bem aqui embaixo.

EO – Carlos?

?? – É irmão do sr. Domingos?

RG – É irmão do sr. Domingos.

EO – Irmão do sr. Domingos...

EO – Ah, mas ele vai... ele vai dar...

GB – vai dar... (Inaudível).

EO – Foi o que você...?

RG – Foi que a gente tentou o sr. Domingos, ele disse que não queria (Inaudível)...

EO – Não, mas você conversou ainda agora com o Carlos, que eu vi no portão, até você bateu palma, ele veio te atender. É esse que vai entrevistar?

RG – Ah, é, é, mais pra baixo, é.

GB – É, é esse.

EO – É, é. Ele vai te dizer a mesma coisa, que ele... quando... a... quando eu era pequena ele também era pequeno. A mãe dele tinha dois filhos, que é o Domingos e o Carlos.

RG – Ele falou que veio para cá em 28, então ele nasceu aqui, é.

EO – Veio em 28?

RG – Em 28.

EO – Que ele é mais velho que eu, ele tem... ele deve ter setenta...

RG – E o sr. Domingos ainda é de 26, ele ainda é mais... mais antigo.

EO – É. 26?

RG – É, sr. Domingos é de 26.

EO – Ah, então, Carlos deve ser quase da minha idade porque a mulher... a mulher dele tem setenta...

RG – O que a gente está achando interessante é que todos têm um antepassado português, uma colônia portuguesa.

EO – A mãe dele e o pai era português.

RG – Como na Penha...

EO – É.

RG – Que meus... meus avós vieram morar na Penha, que é outra colônia de portugueses, meus avós paternos, (Inaudível)...

EO – A minha família toda, só... só dos filhos para cá que... que é tudo...

TF – vieram, depois que vocês se instalaram aqui vieram outros portugueses para cá...

EO – Ah, vieram vários.

TF – ... da família, não, da família?

EO – A minha família? Veio o meu tio, que já morreu, veio um outro, veio o outro... não, o outro tio veio primeiro que meu pai, foi ele que... foi ele que chamou meu pai, mas esse também já morreu, morava... morava no Morro de São Carlos. Ele já morreu. A minha família é muito pequena.

RG – É, só a senhora...

EO – ‘É’ eu, meu filho, minha filha, meus dois netos, e um primo meu que mora ali. Acho que é 151, parece, ou 150, e tem um no Estácio também, coitado, está lá sozinho, abandonado, doente...

RG – Mas (Inaudível) lá?

TF – Então, tá.

EO – Tá. E lá eles invadiram, tem um porão embaixo, os malandros invadiram o terreno dele, coitado, o porão. Ele vive lá sozinho. Tem aquele negócio de tremer, mal de Parkinson. Nunca bebeu, nunca fumou.

RG – Só para eu confirmar, a data dessa casa, então, é de...?

EO – Essa... essa aí tem 44 anos.

RG – (inaudível).

EO - A minha filha tinha um ano quando a casa fez.

RG - ... 1940, é, (Inaudível), é. Tá bom.

TF – Então, tá.

RC – Tá ótimo.

TF – Muito obrigada, foi... (*interrupção na fita*)

*A Fita 1 não foi gravada integralmente (aproximadamente 15 minutos do Lado A).